

CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA O USO DO CURTA METRAGEM 10 CENTAVOS EM SALA DE AULA

MOVIES AND EDUCATION: A PROPOSAL FOR THE USE OF THE SHORT MOVIE 10 CENTAVOS IN THE CLASSROOM

Cleverson Florêncio 1
Cilene Margarete Pereira 2

Resumo: O cinema é um modo de representação de mundo que contribui para a reflexão sobre a realidade social. Produto artístico complexo, quando associado à educação, ele participa do campo da mídia-educação, compreendido como objeto de estudo e ferramenta pedagógica. Partindo de uma discussão acerca da relação entre cinema e educação, este artigo apresenta uma proposta didática de seu uso na sala de aula, destacando o curta metragem 10 centavos (2007), dirigido por Cesar Fernando de Oliveira, com roteiro de Reinofy Duarte. O filme narra a história de um garoto de 10 anos que trabalha como guardador de carros na cidade de Salvador. A proposta tematiza a exploração do trabalho infantil e desigualdades sociais e tem como público alvo alunos do ensino médio, levando-os a refletir sobre os direitos da criança a partir de documentos como a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948).

Palavras-chave: Cinema. Escola. Curta Metragem. Proposta Didática.

Abstract: The movie art is a mean of representing the world that contributes to the reflection about social reality. A complex artistic product, when associated with education, it takes apart in the field of education-media, understood as object of study and pedagogic tool. Starting from a discussion about the relationship between movies and education, this study aims at proposing a didactic use of movies in the classroom, highlighting the movie 10 centavos (2007), directed by Cesar Fernando de Oliveira, and with script by Reinofy Duarte. The movie tells the story of a ten-year-old boy who works as a car keeper in the city of Salvador. The proposal has as theme the exploitation of child labor and social imbalances and targets high school students from public schools, leading them to reflect about the rights of a child from documents such as the Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) and the Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948).

Keywords: Movies. School. Short Movie. Didactic Proposal.

-
- 1 Mestre em Gestão, Planejamento e Ensino (UninCor). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4523988870978794>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1126-6993>. E-mail: cleversonflorencio@yahoo.com.br
 - 2 Doutora em Teoria e História Literária (UNICAMP). Professora Visitante da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9574577449606443>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9794-0303>. E-mail: cilene.pereira@unifal-mg.edu.br

Introdução

Como produto associado ao campo artístico, o cinema é um modo de representação de mundo, constituído por imagens, som, texto, performances dos atores, etc., que contribui para a construção de uma reflexão sobre uma realidade social. Fantin observa vários modos de abordagens educacionais do cinema, considerado como “como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos”, havendo a existência de produtos midiáticos “autênticos”, “que seriam os audiovisuais feitos especialmente com a função de ensinar-aprender, concebidos para serem inseridos no contexto formativo, e os que são utilizados pela escola, mas que não foram produzidos para esse fim” (FANTIN, 2007, p. 1, 2). Nesse caso, aponta a ensaísta, haveria a existência de filmes com o propósito educativo e aqueles que, embora não tenham sido construídos com função educativa, podem ajudar nesse processo. A este segundo segmento estaria associada a grande maioria dos filmes.

Considerando a relação existente entre educação e cinema, e que este pode ser associado ao campo da mídia-educação, este artigo propõe apresentar uma proposta didática de uso do cinema no espaço escolar, destacando o curta metragem **10 centavos**, dirigido por Cesar Fernando de Oliveira, em 2007, com roteiro de Reiofny Duarte. O filme narra a história de um garoto de 10 anos que trabalha como guardador de carros na cidade de Salvador.

A proposta didática apresentada neste artigo tematiza a exploração do trabalho infantil e desigualdades sociais e tem como público alvo alunos do ensino médio, objetivando a levá-los a refletir sobre os direitos da criança a partir de documentos como a **Constituição Federal Brasileira** (BRASIL, 1988) e a **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (ONU, 1948). Na proposta, além de competências específicas das áreas de Linguagens e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, acionamos as competências gerais da **Base Nacional Comum Curricular** 4 e 9, que dizem respeito ao uso de diversas linguagens no espaço escolar e ao respeito aos Direitos Humanos (BRASIL, 2018, p. 9, 10).

Cinema e educação: alguns apontamentos

O cinema participa, quando pensado no espaço escolar, do campo da mídia-educação, entendido este como objeto de estudo e ferramenta pedagógica, considerando seu uso em situações de aprendizagem, integrando-se aos processos educacionais:

Mídia-educação é definida como uma formação para a compreensão crítica das mídias, mas também se reconhece o papel potencial das mídias na promoção de expressão criativa e da participação de cidadãos, pondo em evidência as potencialidades democráticas dos dispositivos técnicos de mídia (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1087).

A mídia-educação diz respeito ao modo como mídias diversas, nas quais se inclui o cinema, interagem com o processo educativo e formativo e também na produção de conteúdos de trabalho. Como campo de estudo,

[...] situa-se na área de tensão entre a pesquisa em comunicação e a pesquisa em educação. O trabalho de pesquisa e desenvolvimento no contexto da mídia-educação concentra-se em: estudar a relação entre crianças, jovens e as mídias, em conexão com sua socialização; estudar e avaliar a mídia-educação de um ponto de vista didático, em relação aos objetivos, conteúdos e áreas de trabalho (TUFTE; CHRISTENSEN, 2010, p. 101).

Para Fantin, o cinema, no contexto da mídia-educação, pode ser entendido por diferentes angulações como “estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas – inter-relacionadas com o caráter instrumental, educar com e para o cinema, e com o caráter de objeto temático educar sobre o cinema” (FANTIN, 2007, p. 2). Ela reforça que “A mídia-educação é uma condição de educação para a ‘cidadania instrumental e de pertencimento’, para a democratização de oportunidades educacionais e para o acesso e produção de saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais”. (FANTIN, 2011, p. 28), justamente porque estão envolvidas no cinema as dimensões instrumental, cultural e cognitiva. Destacam-se, assim, três aspectos do processo educativo complexo promovido pelo cinema, que dizem respeito à compreensão de sua linguagem específica, aos elementos estéticos e críticos próprios do mundo em que vivemos e ao modo como o cinema formata nossa realidade social.

Como texto sincrético complexo, o cinema promove o desenvolvimento de uma série de habilidades e competências ligadas à capacidade leitora e de escrita dos alunos, estimula a criatividade a partir de códigos de linguagem diversos, sobretudo associados ao não verbal. Em relação à linguagem do cinema, podemos acionar diversas das competências gerais da Educação Básica, conforme preconizadas pela **Base Nacional Comum Curricular**, de 2018, tais como as 3, 4, 5, que se referem, respectivamente, ao repertório cultural, ao uso de linguagens diversas no processo comunicativo e à aquisição da cultura digital. (BRASIL, 2018, p. 9).

Duarte lembra, no entanto, que

Diferente da escrita, cuja compreensão pressupõe domínio pleno de códigos e estruturas gramaticais convencionados, a linguagem do cinema está ao alcance de todos e não precisa ser ensinada, sobretudo em sociedades audiovisuais, em que a habilidade para interpretar códigos e signos próprios dessa forma de narrar é desenvolvida desde muito cedo (DUARTE, 2002, p. 34).

Mas isso não significa, completa a ensaísta, que devemos deixar o estudo da linguagem do cinema para especialistas apenas, justamente por que conhecer sua gramática nos torna melhores leitores da experiência cinematográfica.

A leitura da gramática cinematográfica seria, assim, uma das competências a ser desenvolvidas em alunos da Educação Básica, de acordo com a BNCC, em sua competência quatro (BRASIL, 2018, p. 9). A respeito dessa competência, Duarte observa que

Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais. Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais (DUARTE, 2002, p. 17).

Para a pesquisadora, o contato dos alunos com filmes de dá a partir de um processo complexo, no qual, a princípio, se tem

[...] apenas imagens – entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos – significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual. O domínio progressivo que se adquire dessa linguagem, pela experiência com ela, associado a informações e saberes diversos significa e ressignifica indefinidamente as marcas deixadas em nós pelo contato com

narrativas fílmicas (DUARTE, 2002, p. 74).

Napolitano lembra, no entanto, que “A maioria das experiências relatadas [de uso do cinema em sala de aula] ainda se prende ao conteúdo das histórias, às ‘fábulas’ em si, e não discute outros aspectos que compõem a experiência do cinema”, muitas vezes ignorando que os “mundos imaginários” projetados na tela são “construídos a partir de linguagens e técnicas que não são mero acessórios comunicativos, e sim a verdadeira estrutura comunicativa e estética de um filme, determinando, muitas vezes, o sentido da história filmada. (NAPOLITANO, 2003, p. 7). Isto é, insistem no que diz o filme e não no modo como diz o filme. Em outras palavras, privilegiam o conteúdo fílmico em detrimento da linguagem.

Freitas e Coutinho lembram ainda que o “uso do cinema em educação se dá de modo geral para ensinar, exercitar a memória, explicar, deixar claro e enfatizar conceitos, períodos históricos e até mesmo expressões culturais e sociais”, evidenciando, muitas vezes, “que a associação que se faz entre ‘cinema’ e ‘educação’ pertence a uma matriz discursiva utilitarista, repetida e hegemônica” (FREITAS; COUTINHO, 2013, p. 478).

Napolitano, Freitas e Coutinho apontam, assim, para uma perspectiva bastante limitadora do uso do cinema em sala de aula, seja centrada em sua história apenas, desprezando a forma e sua construção em termos de linguagem, seja como ilustração de fatos e conceitos. Isso não quer dizer que tais procedimentos não possam ocorrer, mas que eles são apenas uma das formas de uso do cinema, que como artefato artístico complexo, pode possibilitar outras abordagens. (FANTIN, 2007, p. 4). Para Fantin, “Além desse caráter ilustrativo, é comum observarmos os filmes na escola usados como pretexto para o desenvolvimento de certas atividades, sobretudo com crianças/adolescentes, que após assistirem ao filme devem desenhar, escrever, dramatizar, discutir” (FANTIN, 2007, p. 5). Napolitano destaca que

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2003, p. 12).

Nesse processo, que envolve o entendimento do cinema como “prática educativa”, elementos como “a sensibilização e a experimentação” são fundamentais, exercendo o professor o “papel de destaque como mediador entre o sujeito e o filme”, aponta Araújo (2008, p. 48).

O cinema pode levar o aluno/espectador a um processo de construção da alteridade, sendo, portanto, um “agente de socialização que possibilita encontros das mais diferentes naturezas: de pessoas com pessoas [...], das pessoas com elas mesmas, das pessoas com as narrativas nos filmes, das pessoas com as culturas nas diversas representações fílmicas e das pessoas com imaginários múltiplos, etc.”, argumenta Fantin (2007, p. 3). Duarte aponta, nessa perspectiva, que “O mundo cinema é um espaço privilegiado de produção de relações de “sociabilidade”, como “forma autônoma ou lúdica de “sociação”, possibilidade de interação plena entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns” (DUARTE, 2002, p. 17, aspas da autora). Como representação do mundo, o cinema “possibilita incorporar o relativismo cultural ao encarnar personagens de outro ponto de vista do qual não poderíamos experimentar num contexto comum”, avalia Araújo (2008, p. 34).

A partir das observações de pesquisadores como Fantin, Duarte e Araújo, é possível pensar que o cinema ajuda na construção de um processo empático, entendida a empatia como “a arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações”, conforme define Krznaric (2015, p. 10).

Lopes (2013, p. 10) lembra que “educar com o cinema, educar com arte, significa educar através do contato com o outro, do despertar dos sentimentos e da troca. É sair de si mesmo para enxergar o outro”:

Ao invés de se desenvolver trabalhos impessoais, onde o educando apenas recria e transcreve as técnicas aprendidas, o cinema o estimulará a se retratar em suas produções artísticas. Desta maneira, o educando é capaz de manifestar a sua própria realidade, com todos os seus conflitos e desejos. Essa possibilidade que se abre contribui em muito para o amadurecimento do indivíduo, para o seu autoconhecimento, para o despertar dos seus sentimentos, para a manifestação de suas próprias opiniões e, principalmente, para o verdadeiro sentido do “viver em grupo” (LOPES, 2013, p. 10, aspas do autor).

Castro, Pereira e Luíndia concordam que por meio do cinema, “é possível sensibilizar e aproximar o interesse dos estudantes acerca de determinado tema, podendo ser social, político, pessoal, educacional e até mesmo para o entendimento do cinema em si, enquanto objeto”, promovendo a formação crítico-reflexiva do aluno (CASTRO; PEREIRA; LUÍNDIA, 2011, p. 4)

Na **Agenda de Paris**, documento oficializado pela UNESCO em 2007, um dos aspectos ressaltados para afirmar a importância da mídia-educação está no vínculo existente entre ela, “a diversidade cultural e o respeito aos Direitos Humanos, no sentido de contribuir para a emancipação e a responsabilização dos indivíduos, como parte integrante da formação cidadã” (UNESCO apud BÈVORT; BELLONI, 2009, p. 1096):

De um lado a mídia-educação pode chamar a atenção da sociedade civil e dos poderes políticos aos valores da cidadania, e de outro, através da sua especificidade, a mídia-educação contribui para construir essa mesma cidadania. Educar para a cidadania na escola envolve inclusão, trabalho transversal entre as disciplinas, cooperação, desenvolvimento de identidades complexas, interação com o território, pertencimento ao contexto local, nacional e global. Ao possibilitar isso, a mídia-educação na escola estará investida de novas responsabilidades na sociedade atual e poderá contribuir com a construção de uma nova forma de mediação cultural (FANTIN, 2011, p. 29)

Nesse caso, é possível pensar o audiovisual, particularmente o cinema, inserido no espaço escolar, como estímulo à discussão crítica de temas importantes de nossa sociedade, como o dos Direitos Humanos (e suas violações), por exemplo, permitindo ao espectador avaliar suas estratégias de abordagem de temas referentes a esse contexto como contraponto ao discurso midiático (aquele que aparece em noticiários televisivos e impressos), que promove, muitas vezes, a reverberação da violência/da violação, seja por meio de sua espetacularização ou banalização. Fabris aponta que

É preciso entender a educação como um processo cultural amplo que ultrapassa os limites da escola. Esse é um esforço empreendido por uma parcela considerável de estudiosos que ampliam a concepção de pedagogia, tomando toda pedagogia como cultural e incluindo na expressão “pedagogia cultural” aquelas que são produzidas em locais sociais distintos da escola (FABRIS, 2008, p. 121)

Assim, o cinema pode ser considerado como “uma produção cultural que não apenas inventa histórias, mas que, na complexidade da produção de sentidos, vai criando, substituindo, limitando, incluindo e excluindo ‘realidades’” (FABRIS, 2008, p. 121):

Se a sala de aula é um espaço da discussão e da reflexão, o filme é este mesmo espaço ampliado em uma escala maior, em que seus procedimentos formais e narrativos passam a ser a linha condutora do viés educacional.

Podemos pensar o processo educacional como um processo de descoberta de si. Uma linguagem artística afetiva à qual o público tem acesso de modo geral. [...] O processo educacional tem tomado consciência que o quadro preto foi ampliado para a tela do cinema, para o televisor, para a telinha do computador e para a web. [...]

A tarefa de exibir filmes na escola, modificando a prática pedagógica do ensino e da aprendizagem, é um fato em processo e uma tarefa coletiva de educadores de todas as áreas de conhecimento (LOPES, 2013, p. 9).

Nas palavras de Duarte (2002, p. 21), é preciso uma maior atenção e disposição dos educadores para “compreender a pedagogia do cinema, suas estratégias e os recursos de que ela utiliza para seduzir, de forma tão intensa, um considerável contingente, sobretudo de jovens”. A pesquisadora ressalta “que o espectador é um sujeito social que interage ativamente na construção dos sentidos que circulam nos filmes”, identificando-se “psicologicamente com um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro, vivendo com os personagens as circunstâncias dramáticas dispostas na narrativa fílmica” (DUARTE, 2002, p. 70-71).

Fantin destaca que pensar outras possibilidades para a pedagogia utilizando meios culturais é também pensar a educação de forma mais sensível, transformando assim “os espaços físicos das salas de aula” e os expandindo “para outros espaços culturais e que possibilitem mediações em direção de compreensões criativas, abertas e transformadoras” (FANTIN, 2007, p. 11). Dessa forma, o processo de aprendizado pode até ocorrer de forma mais fluída e ampla:

É importante ressaltar que uma apropriação crítica e criativa das mídias, e particularmente do cinema, em contextos formativos, sugere que algumas fronteiras no trabalho com crianças podem ser ultrapassadas: das crianças consumidoras e espectadoras às crianças produtoras de cultura, e isso nos leva a pensar em outras formas de participação no contexto escolar e na cultura. Refletindo sobre alguns aspectos do consumo e da homologação cultural vimos diversas possibilidades de interações das crianças com as produções culturais e suas formas de mediação (FANTIN, 2007, p. 11).

Silva e Davi destacam o papel do professor no uso do cinema em sala de aula, pois, além de mediador, ele “precisa ser um conhecedor da metodologia aplicada. Um filme não pode fazer e não faz sozinho o papel de despertar o conhecimento em um aluno” (SILVA; DAVI, 2012, p. 24). Por isso, ressaltam as autoras, é importante que haja um preparo efetivo do docente, estabelecendo objetivos claros e a metodologia a ser adotada: o professor deve abordar o filme “com um olhar diferenciado, direcionando o conteúdo [...] para o que almeja abordar com a turma. Assim, não há dúvidas da importância da utilização de novos mecanismos tecnológicos relacionados a vários assuntos de cunho educativo em sala”, realizando, assim, uma interdisciplinaridade entre gêneros e materiais diferentes dentro do processo educacional (SILVA; DAVI, 2012 p. 28).

Fantin aponta que a mediação deve ser “pensada também como forma de assegurar e/ou recuperar a corporeidade – o gesto, o corpo, a voz, a postura, o movimento, o olhar como expressão do sujeito” – e a relação com o meio ao redor do alunos a fim de construir novos sentidos, isso porque “o filme num contexto formativo será mediado por fatores diferentes dos que intervêm em contextos mais informais, e é importante ter em mente as transformações que operam na passagem da fruição lúdico-evasiva à educativa” (FANTIN, 2007, p. 2).

A partir da discussão empreendida aqui, podemos entender que o cinema, como artefato de representação do mundo, pode ser utilizado em sala de aula como elemento de discussão de realidades diversas, fazendo com que possamos refletir sobre costumes e modos de vida diversos, além de problematizar temas atuais e polêmicos, etc., promovendo o exercício crítico sociocultural e político de seus espectadores. Nesse caso, o cinema pode comparecer no espaço escolar como instrumento pedagógico e de conhecimento de determinados assuntos, mas também como mecanismo de expressão de seus produtores e consumidores, sendo considerado, sempre, um objeto artístico-cultural, dotado de uma linguagem própria.

Uma proposta didática de uso do curta metragem 10 centavos em sala de aula

A partir do exposto acima, apresentamos uma proposta de uso do curta metragem **10 centavos** em sala de aula. O curta, que tem duração de 19 minutos e foi dirigido por Cesar Fernando de Oliveira, com roteiro de Reinofy Duarte, conta a história de um garoto de dez anos de idade que perambula pela cidade de Salvador em busca de sustento para sua família, guardando carros nas ruas.¹

Sugerimos que a proposta, que tematiza a exploração do trabalho infantil e questões de desigualdades sociais, seja aplicada aos alunos do Ensino Médio, durante quatro aulas de cinquenta minutos. O principal objetivo da proposta didática é instigar os alunos a refletir sobre os direitos da criança, conforme previsto na **Constituição Federal Brasileira** e na **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, e sobre as condições sociais de muitas crianças no Brasil.

A proposta está alinhada às áreas de conhecimento Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias da **Base Nacional Comum Curricular**, documento que normatiza a Educação Básica no país, instituindo dez competências gerais que devem ser desenvolvidas no aluno, tais como conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania (BRASIL, 2018, p. 9-10).

A respeito da BNCC, Pereira e Cavalcanti lembram que ela

[...] é orientada, em acordo com Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNS), por “princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 7). Assim, suas dez competências gerais pontuam a valorização de uma formação discente que leve a “escolhas alinhadas ao exercício da cidadania” e que “respeitem e promovam os Direitos Humanos”. (BRASIL, 2018, p. 7, 9) (PEREIRA; CAVALCANTI, 2019, p. 2)

No caso dessa proposta, acionamos as competências gerais 4 e 9, relativas ao uso de diversas linguagens no espaço escolar e ao respeito aos Direitos Humanos (BRASIL, 2018, p. 9, 10). Além das competências gerais, identificamos como competências específicas ligadas à proposta as 5 e 6, da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e as 1, 2 e 3, da área de Linguagens e suas Tecnologias (BRASIL, 2018, p. 570; 490).

Apresentamos, a seguir a sequência didática da proposta, dividida em quatro passos. No passo 1, temos o que chamamos de Aquecimento. Para iniciar as atividades relativas ao curta metragem **10 centavos**, é importante que o docente contextualize a proposta, identificando a importância de se combater o trabalho infantil, fortalecendo a dignidade da Pessoa Humana e a proteção à criança. Para tanto, o professor deve apresentar aos alunos os artigos 1º, 3º, 6º e 23º da **Constituição Federal Brasileira** (1988) e os artigos 1º, 7º e 25º da **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (1948).²

¹ O curta metragem 10 centavos pode ser acessado no seguinte endereço: https://www.curtanaescola.org.br/filme/?name=10_centavos.

² Os documentos podem ser acessados, respectivamente, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/

Estes artigos devem ser discutidos de forma reflexiva com os alunos, objetivando iniciar um processo de conhecimento da dignidade que homem e mulher têm por direito, destacando que isso alcança também as crianças, e constitui o princípio fundamental dos direitos humanos. Além disso, o objetivo específico é promover uma reflexão sobre o trabalho infantil e a pobreza.

Para estimular essa reflexão, sugerimos que o professor apresente aos alunos alguns dados sobre o trabalho infantil no Brasil. As informações podem ser apresentadas a partir do site <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/>. Ao navegar pelo site com os alunos, sugerimos que o professor dê especial atenção ao mapa do trabalho infantil, disponível em <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/mapa-do-trabalho-infantil/>, no qual se apresenta um raio x sobre o tema no país a partir de recortes como idade, gênero e tipo de atividade.

No passo 2, chamado de Colocando a mão na massa, propomos que o professor chame a atenção dos alunos para normas que proíbem o trabalho infantil. Como forma de promover o conhecimento de tais direitos, é importante solicitar aos alunos que, em pequenos grupos, pesquisem sobre os direitos e deveres da Criança e do Adolescente. Um bom documento para pesquisa é o **Estatuto da Criança e do Adolescente**, o ECA, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm. Como se trata de um documento estatutário, é importante que professor ajude os alunos nessa tarefa. Uma sugestão é que cada pequeno grupo seja responsável pela leitura e discussão de um capítulo e/ou título do estatuto. Para isso, é preciso que o professor faça um recorte do documento, dando especial atenção aos direitos das crianças e dos adolescentes que interessa tratar, sem deixar de observar as questões concernentes à proteção destes em relação ao trabalho e à exploração.

A partir dessa discussão, o professor pode pedir que os alunos tragam exemplos concretos de omissão e/ou negação destes direitos. Uma nova pesquisa pode ser feita utilizando sites de busca, elencando reportagens que tematizem a violação dos direitos da criança e do adolescente.

O passo 3, denominado *Veja o curta!*, deve ocorrer após o debate promovido entre os grupos, a partir dos dados levantados e das reportagens lidas. Sugerimos que o professor, sempre que for trabalhar com um curta metragem em sala de aula, evidencie informações paratextuais relativas ao filme, pois elas ajudam a potencializar a discussão. O curta metragem **10 centavos**, por exemplo, participou de vários festivais nacionais e internacionais, como CineSul (2008); Brazilian Film Festival of Toronto (2008); Festival internacional de cine de Alcalá de Henares - Alcine 38 - Espanha (2008); Mostra de Filmes do Fórum "Universidade, Juventude e Diversidade", Brasil (2008); Seoul International Youth Film Festival - Short Film Invited, Coreia (2008); Mostra de Curtas do Instituto Jubarte (2008); Short Film Corner - Festival de Cannes (2008); entre outros.

Além disso, o curta **10 centavos** foi bastante premiado, vencendo os prêmios de Melhor Ator no Festival Guarnicê de Cinema do Maranhão em 2008 e no Florianópolis Audiovisual Mercosul em 2008; Melhor direção no Festival Guarnicê do Maranhão em 2008; Melhor Ficção no Festival Guarnicê de Cinema do Maranhão em 2008; Melhor Filme Nacional - Júri popular no Festival Guarnicê de Cinema do Maranhão em 2008; Menção Especial do Júri no Seminário Internacional de Cinema e Audiovisual em 2008 e o Prêmio UNICEF no Festival Internacional de Cine Documental y Cortometraje de Bilbao em 2008.

É importante que o professor destaque, com seus alunos, o Prêmio UNICEF. Será que os alunos sabem o que é UNICEF? É um bom momento para apresentá-los a esta importante entidade da ONU, que protege os direitos infantis.

Um dos aspectos que chama a atenção no curta metragem **10 centavos**, do ponto de vista de sua linguagem, é o uso eficaz da trilha sonora, responsável por promover uma certa tensão no filme. A tensão a que nos referimos ocorre entre os 06:06 e os 07:50 minutos do curta metragem, único em que vemos o garoto protagonista da história com semblante de felicidade, no momento em que rega as flores do florista adormecido, entre o trabalho de guardar os carros e lavá-los.

Figura 1. O garoto, após lavar um carro, vai devolver o regador para o florista.



Fonte: OLIVEIRA (2007).

Figura 2. O garoto começa a regar as flores do florista.



Fonte: OLIVEIRA (2007).

Figura 3. Close nas flores sendo regadas.



Fonte: OLIVEIRA (2007).

Figura 4. Único momento em que o semblante do garoto se abre.



Fonte: OLIVEIRA (2007).

Por um lado, a trilha sonora, de autoria do compositor russo do período romântico Tchaikovsky, está ligada à dinâmica da vida do garoto, que precisa trabalhar para ajudar a família; por outro, é um dos momentos de expressão de solidariedade, com a bela imagem do guardador de carros regando as flores do florista adormecido. É um momento lírico no curta metragem e na vida do garoto.

Sugerimos que o professor utilize a reportagem abaixo, que pode ser lida com seus alunos em sala de aula, na qual se destaca como a trilha sonora é importante para aclimatar um filme, ajudando na construção de sua narrativa. Ela tem uma importância fundamental, por exemplo, em filmes de terror! Há músicas que são compostas especialmente para alguns filmes; em outros casos, pode se utilizar músicas já existentes, como é o caso de **10 centavos**. A matéria “O poder da música no cinema: quando a trilha sonora ajuda na narrativa do filme”, pode ser acessado em: <https://cinemacomrapadura.com.br/colunas/453900/o-poder-da-musica-no-cinema-quando-a-trilha-sonora-ajuda-na-narrativa-do-filme/>.

Após a leitura da reportagem e dos comentários dos alunos, o professor pode solicitar que eles pensem em uma nova trilha sonora para o curta metragem **10 centavos**, destacando o trecho citado acima. Qual música, já conhecida por eles, embalaria a cena? Como ela ajudaria na construção narrativa ou até mudaria o sentido da história?

Ainda que destaquemos, aqui, o uso da trilha sonora, outros componentes da linguagem cinematográfica podem ser acionados pelo professor em sala de aula, como os plano cinematográficos e o roteiro, por exemplo. Nas figuras destacadas acima (1, 2 e 3), vemos como o diretor de fotografia trabalha com uma paleta de cores variadas (balde verde, flores brancas, amarelas e vermelhas, portas azuis), criando uma contraposição entre o garoto (que se veste de maneira sóbria e cinzenta, sem vida) e os objetos à sua volta. Tal opção não é gratuita, mas faz parte de uma escolha cenográfica. Da mesma forma, o close final no rosto do garoto, espelhando o prazer que ele sente na atividade, quebra a rotina dura de lavador e guardador de carros, pois ele age de maneira lúdica, como é esperado de uma criança.

O passo 4, Lugar de criança/adolescente é na Escola!, é o momento em que os alunos devem fazer um gesto concreto. O professor pode pedir que eles façam um levantamento de dados sobre o trabalho infantil na cidade em que moram. Estes dados podem não estar disponíveis, mas seria importante tentar obtê-los! Após isso, com os dados da cidade e/ou de outras cidades do país, os alunos devem elaborar um texto manifesto, pedindo o fim do trabalho infantil! Para isso, o professor deve discutir com eles sobre o gênero textual manifesto. Nos links abaixo, há material de apoio de fácil compreensão que pode auxiliar a todos nessa tarefa!

- “Manifesto”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/manifesto/>
- “Significado de manifesto”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/manifesto/>

O manifesto feito pelos alunos pode ser postado em redes sociais e/ou disposto em murais físicos ou digitais em espaços diversos, entre eles, claro, a escola.

Considerações Finais

O cinema é um modo de representação de mundo, constituído por imagens, som, texto, etc. que contribui para a construção de uma reflexão sobre uma realidade social. Bastante frequente no espaço escolar, mais do que simplesmente narrar histórias, o cinema mobiliza uma reflexão sobre realidades diversas da experiência concreta de alunos e professores, promovendo o exercício crítico social, cultural e político de seus fruidores e a construção de processos de alteridade(s), constituindo-se, assim, um elemento educativo. Como texto sincrético complexo, ele promove o desenvolvimento de uma série de habilidades e competências ligadas à capacidade leitora e de escrita dos alunos, estimula a criatividade a partir de códigos de linguagem diversos, sobretudo associados ao não verbal.

Considerando esse contexto, este artigo buscou refletir sobre a relação entre cinema e educação e apresentar uma proposta didática de uso deste no espaço escolar, destacando o curta metragem **10 centavos**, dirigido por Cesar Fernando de Oliveira, em 2007, com roteiro de Reinofy Duarte. A partir de uma sequência didática organizada em quatro passos, buscamos levar à sala de aula uma reflexão sobre o trabalho infantil e as desigualdades sociais, amparada, ainda, pelas competências gerais da BNCC, relativas o uso de diversas linguagens no espaço escolar e sobre a construção do processo empático e o respeito aos Direitos Humanos.

Referências

10 CENTAVOS. Direção: Cesar Fernando de Oliveira. Brasil: 2007. 19 min. Color.

ARAÚJO, R. B. de. Alteridade e Conhecimento na Linguagem do Cinema. **Rev. Poiesis Pedagógica**, Catalão, v. 6, n. 1, p. 33-50, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10837>. Acesso em: 18 jan. 2020.

BÉVORT, E. BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Rev. Centro de Estudos Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 de dez. de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 09 jun. 2019.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Rev. Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6690/4003>. Acesso em: 23 fev. 2020.

FANTIN, M. Mídia-educação e cinema na escola. **Rev. Teias**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15-16, p. 1-13, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24008/16978>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FANTIN, M. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index>.

php/olhardeprofessor/article/view/3483. Acesso em: 23 mar. 2020.

FREITAS, A. de; COUTINHO, K. D.. Cinema e educação: o que pode o cinema? **Rev. Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 477-502, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducaoFilosofia/article/view/14174>. Acesso em: 04 abr. 2020.

KRZNDARIC, R. O poder radical da empatia. _____. **O poder da empatia**: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Disponível em: https://zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/Trecho_OPoderdaempatia.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

LOPES, J. de S. M. Cinema e educação: o diálogo de duas artes. **Rev. Scias Arte/Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1., p. 02-14, 2013. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/SCIAS/article/view/405>. Acesso em: 14 mar. 2020.

PEREIRA, C. M.; CAVALCANTI, L. M. D. Reflexões sobre literatura, direitos humanos e ensino a partir do texto literário. **Revista Interfaces**, Guarapuava, v. 10, n. 4, p. 65-74, 2019. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6020/4373. Acesso em: 14 mar. 2020.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948. Disponível em: http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 17 set. 2019.

SILVA, A. P. R., DAVI, T. N.. O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 11, n. 14, p. 21-36, 2012. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/162>. Acesso em: 07 abr. 2020.

TUFTE, B. CHRISTENSEN, O. Mídia-Educação – entre a teoria e a prática. **Rev. Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 97-118, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n1p97>. Acesso em: 07 jul. 2020.

Recebido em 11 de fevereiro de 2021.
Aceito em 12 de janeiro de 2022.